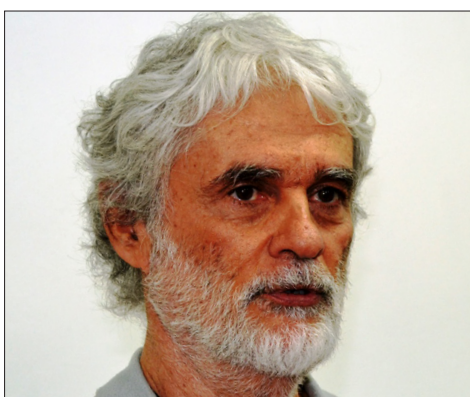


LUPA NEWS

Lineu Candieiro



João Mosca e Thomas Selemane explicam como o Estado permanece biberão da Frelimo, meio século da independência



Nelson Saúte escreve sobre despedida melancólica de Mario Vargas Llosa

Lineu Candieiro:

A dinâmica de uma liderança **que pode chegar à CTA**

Calmo, de trato simples e respeitoso mesmo carrega a marca de ser um jovem empresário que ousou a fazer a diferença, tendo se notabilizado por fundar a sua empresa com pouco investimento financeiro. Esteve no top das 100 Melhores PMEs, o que projectou a sua empresa a outros patamares. É o fundador e Presidente do Conselho de Administração do Grupo Lin, um conglomerado estabelecido em 2012 que opera nos sectores de limpeza e saúde. É, igualmente, actual presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE) e membro efectivo da Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA), onde é o vice-presidente do Conselho Nacional dos Empresários (CEN) da Confederação. Trata-se de Lineu Candieiro, um líder dinâmico que pode chegar à presidência da CTA, nas eleições de para 8 de Maio.

Por: Bernardo Soares e LupaNews



O Conselho Directivo, reunido em sessão alargada com a Mesa da Assembleia Geral e com o Conselho Fiscal, no dia 04 de Março de 2025, na sede da Confederação das Associações Económicas de MoçambiqueCTA, deliberou marcar a Assembleia Geral Eleitoral para 8 de Maio. A toda uma série de preparação para tomar o poder naquela que é a maior organização do sector privado do País e que com o Governo influenciam os destinos económicos do País. Lineu Candieiro, um reconhecido jobem empresário que veio de baixo, é o candidato que tem desenhado estratégias, mobilizando sectores para dirigir os próximos destinos da CTA.

Ainda nesta semana reuniu-se com a Federação Moçambicana dos empreiteiros que publicamente endossaram apoio ao jovem líder. Organizações como a a

Federação Moçambicana dos Operadores Madeireiros (FEDEMOMA), Associação das Empresas Moçambicanas de Segurança (AEMS), a Federação Moçambicana de Comércio e Serviços (FEMOCOS), a Associação de Hotelaria e Turismo de Cabo Delgado (CDTUR) também juntam-se em apoio ao Lineu Candieiro.

Lembre-se que a chuva de apoios a candidatura de Lineu candieiro publicamente teve início com o vice-presidente da Confederação das Associações Económicas (CTA) de Moçambique, Prakash Prehlah ao afirmar que não vai concorrer ao cargo do Presidente da organização, marcado para 8 de Maio. Prakash, um dos nomes que anteriormente estava na lista dos interessados ao cargo, avançou que prefere que sejam os mais jovens a conduzirem a confederação obviamente com forte e permanente apoio dos mais velhos da casa,

deixando claro, nas entrelinhas, o nome de Lineu Claro.

Lineu Candieiro: do nada à criação e liderança do Grupo Lin

Empresário moçambicano, fundador e Presidente do Conselho de Administração do Grupo Lin, um conglomerado estabelecido em 2012 que opera nos sectores de limpeza e saúde. O grupo integra empresas como Lin Limpezas, Lin Recolhas, Lin Ambulâncias e LinMedCare, consolidando uma presença significativanomercadonacional.

Em setembro de 2021, foi eleito presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE) de Moçambique, assumindo um papel central na promoção do empreendedorismo jovem no país. Durante o seu mandato, lançou iniciativas de destaque, como o evento internacional Morenergy, fo-

cado em energias renováveis, realizado em dezembro de 2021. Além disso, representou os jovens empresários moçambicanos em eventos internacionais, como a temporada de intercâmbio O Power da Network, nos Estados Unidos, em janeiro de 2023.

A publicação Powerlist, 2024, uma lista de 100 personalidades mais influentes da Lusofonia sublinha que o jovem empresário tem sido uma voz ativa na defesa da desburocratização e simplificação de procedimentos para facilitar o acesso ao financiamento por parte dos jovens empresários, contribuindo para a criação de um ambiente de negócios mais favorável em Moçambique.

Em 2024, sob a sua liderança o Grupo Lin expandiu as suas operações, consolidando a presença nos sectores de limpeza e saúde, e avançando com planos para entrar no ramo da lavanda-

ria. Além disso, Candieiro manteve-se ativo na promoção do empreendedorismo jovem, participando em conferências e workshops que visam capacitar novos empresários e defender políticas que facilitem o ambiente de negócios em Moçambique.

Actual presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), tem-se destacado por uma liderança dinâmica, inclusiva e centrada na promoção de um sector privado resiliente, inovador e socialmente responsável. Sob sua presidência, a ANJE tornou-se uma plataforma de voz activa para milhares de jovens empreendedores moçambicanos, defendendo políticas que impulsionam o crescimento económico sustentável e o desenvolvimento das cadeias de valor locais.

Ao longo da sua trajetória na ANJE, Candieiro foi responsável por impulsionar debates estruturantes sobre acesso ao crédito, reforma fiscal, empreendedorismo jovem, e políticas de estímulo às PME, conquistando a confiança de diferentes federações e associações empresariais.

FME junta-se aos apoiantes da candidatura de Lineu Candieiro à presidência da CTA

Os empreiteiros da Federação Moçambicana dos Empreiteiros (FME) decidiram, por unanimidade, apoiar a candidatura da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), liderada pelo seu Presidente, Lineu Candieiro, à presidência da Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA). A decisão foi avançada nesta segunda-feira, em Maputo, durante a entrega do documento da FME que endossa a candidatura de Lineu Candieiro.

Na ocasião a FME reconheceu o compromisso e a visão de Lineu Candieiro para o fortalecimento do sector empresarial moçambicano, em particular para o apoio nos desafios de ►

► construção das obras para o desenvolvimento em todo o território.

“Nós como Federação Moçambicana dos Empreiteiros decidimos reunir, deliberar e endossar a candidatura de Lineu Candieiro porque houve já um contacto com o candidato Lineu Candieiro e vimos que a visão, aquilo que ele pensa, da forma como ele deseja dirigir o destino da CTA está de acordo com aquilo que são as aspirações dos empreiteiros”, explicou o Presidente da FME, Bento Machaila.

“É por isso que a própria deliberação, todos os participantes foram unânimes em dizer que é a pessoa certa para apoiar”, reforçou Machaila.

Os empreiteiros usaram a ocasião para mais uma vez ouvir a sensibilidade de Lineu Candieiro em relação ao sector. “Como sabem, o nosso sector tem vários desafios dos quais gostaríamos que no próximo mandato a presidência da CTA fosse colhido para que possamos encontrar soluções”, sublinhou o presidente da agremiação, que agora reforça a lista dos apoiantes de Candieiro para liderar os destinos da CTA nos próximos momentos.

“Nós como o ANJE discutimos e fomos atrás para ver aquilo que são as necessidades de cada sector e para o setor da construção, em particular dos empreiteiros, identificámos sete problemas que incluem o acesso limitado ao financiamento, a concorrência desigual com as empresas estrangeiras, a burocracia e estabilidade contratual, a capacidade técnica de mão-de-obra”, sublinhou, por sua vez, Lineu Candieiro.

FEDEMOMA junta-se em apoio à candidatura do jovem líder

Num momento em que Moçambique enfrenta desafios críticos na preservação dos seus recursos naturais, a Federação Moçambicana dos Operadores Madeiros (FEDEMOMA) surge como uma voz forte e determinada na defesa da governação florestal sustentável. Fundada com o propósito de promover uma exploração responsável das florestas, a FEDEMOMA posiciona-se como parceira estratégica na luta contra a



desflorestação e na promoção de práticas que garantam a sobrevivência dos ecossistemas para as futuras gerações.

Com um histórico de trabalho em colaboração com entidades governamentais e parceiros da sociedade civil, a FEDEMOMA declarou publicamente o seu apoio à candidatura de Lineu Candieiro.

Lineu Candieiro, actual presidente da ANJE, Associação Nacional de Jovens Empresários, tem-se destacado por uma liderança dinâmica, inclusiva e centrada na promoção de um sector privado resiliente, inovador e socialmente responsável. Sob sua presidência, a ANJE tornou-se uma plataforma de voz activa para milhares de jovens empreendedores moçambicanos, defendendo políticas que impulsionam o crescimento económico sustentável e o desenvolvimento das cadeias de valor locais.

Ao longo da sua trajectória na ANJE, Candieiro foi responsável por impulsionar debates estruturantes sobre acesso ao crédito, reforma fiscal, empreendedorismo jovem, e políticas de estímulo às PME,

conquistando a confiança de diferentes federações e associações empresariais. A FEDEMOMA acredita que esta trajectória será essencial para aproximar a CTA dos empresários das províncias, das mulheres empreendedoras e das microempresas que movimentam a economia informal.

“Acreditamos que o empresário Lineu Candieiro representa uma nova geração de líderes empresariais comprometidos com o desenvolvimento sustentável do país. A sua visão para o sector privado está alinhada com os valores da FEDEMOMA, que defende uma exploração florestal que respeite o ambiente e beneficie as comunidades locais”, afirmou o presidente da federação, Jorge Chacate.

A aliança entre FEDEMOMA e ANJE simboliza uma nova era de cooperação entre sectores estratégicos da economia moçambicana. Acredita-se que, com uma liderança como a de Lineu Candieiro na CTA, será possível impulsionar reformas que promovam uma melhor governação florestal, garantam mais investimento no sector e con-

solidem Moçambique como referência africana em práticas económicas sustentáveis.

Ao unir vozes em torno da sustentabilidade, do empreendedorismo e da boa governação, FEDEMOMA e ANJE mostram que o futuro de Moçambique pode e deve ser construído com equilíbrio entre desenvolvimento económico e preservação ambiental.

Federação Moçambicana de Comércio e Serviços junta-se à Lineu

A candidatura de Lineu Candieiro à presidência da Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) continua a reunir apoios de peso de diferentes segmentos do tecido empresarial nacional.

Depois da Federação Moçambicana dos Operadores Madeiros (FEDEMOMA), é agora a Federação Moçambicana de Comércio e Serviços (FEMOCOS), que manifesta publicamente o seu apoio, destacando a liderança transformadora de Candieiro e a sua visão para um sector privado mais co-

eso, moderno e inclusivo.

A FEMOCOS representa uma vasta rede de operadores comerciais, prestadores de serviços e empresários que constituem a espinha dorsal da economia nacional. Em nota oficial, a federação considera que o momento actual exige uma liderança com capacidade de diálogo, escuta activa e visão estratégica, qualidades que reconhece na figura de Lineu Candieiro.

“Lineu tem demonstrado uma capacidade extraordinária de mobilizar e representar os interesses dos empresários, sobretudo dos jovens. A sua experiência como presidente da ANJE comprova o seu compromisso com o desenvolvimento económico inclusivo, a promoção do empreendedorismo e o fortalecimento institucional das associações empresariais”, lê-se na declaração do Presidente da FEMOCOS.

Ao longo da sua trajectória na ANJE, Candieiro foi responsável por impulsionar debates estruturantes sobre acesso ao crédito, reforma fiscal, empreendedorismo jo-

► continua na página 8

João Mosca e Thomas Selemane explicam como o Estado permanece biberão da Frelimo, meio século da independência

Na publicação mais recente do Observatório do Meio Rural (OMR) os académicos João Mosca e Thomas Selemane onde procuram "sintetizar as narrativas da Frelimo até ao fim da década dos anos 80 de raízes populistas de esquerda e nacionalistas, onde é manifesta a "viragem em 180º" de grande parte dos indicadores mais representativos da evolução política e económica nos últimos 50 anos." No referido quadro "é difícil estabelecer limites evidentes entre os diversos elementos das narrativas e sua evolução."

O longo e explicativo quadro do país "sonhado" (narrativas) ao País vivido (depois de 50 anos de independência) começa por explicar que os moçambicanos sonham Socialismo e economia de planificação centralizada. Mas na realidade, ao País vivido depara-se com a Combinação de capitalismo de Estado periférico e mercado "selvagem" e predominância de "boladas" a diferentes níveis. Não só, o quadro apresenta a Independência, desenvolvido e prosperidade como um sonho e avança que na realidade o País dependente de directivas externas: IBW (e outras instituições financeiras), do capital estrangeiro e da cooperação, num quadro de interesses geoestratégicos. A publicação do OMR com o título DO PAÍS SONHADO AO PAÍS VIVIDO: MOÇAMBIQUE 1975-2025 (PERÍODO 1992-2025) avança que a Agricultura foi pensada como base do desenvolvimento, mas isso não passa de um sonho. Na prática vive-se a Agricultura de exportação e secundarização dos pequenos produtores, importação massiva de bens alimentares, insegurança e dependência alimentar; outro sonho foi o das Aldeias comunais, as "cidades no



campo", sucede que na prática após a independência, foram criadas as aldeias comunais, como forma de controlo da população e reserva de mão-deobra para as empresas estatais. Após o fim da guerra, as aldeias

quase desapareceram, mas as zonas de reassentamento construídas para dar lugar a megaprojectos de mineração repetem a concepção das "aldeias comunais". João Mosca e Thomas Selemane apresentam, igual-

mente o sonho da Indústria como factor dinamizador enquanto no terreno vive-se o processo acentuado de desindustrialização da economia após o processo de privatização, em que as elites da Frelimo foram as

principais beneficiárias; os autores apontam como outro sonho o sonho de um Partido que dirige o Estado e a sociedade, quando na prática a Frelimo comanda o Estado em condições de monopartidarismo ou de partido dominante, controla a economia e a sociedade a todos os níveis, mesmo depois das reformas do ajustamento estrutural.

O quadro aqui

João Mosca e Thomas Selemane sublinham que, em resumo, houve realmente a massificação de um sonho mobilizador de natureza classista, nacionalista e contra as principais características repressivas e de dominação económica do Estado colonial. "A grande questão é saber se os discursos iniciais eram verdadeiros, um engano ou, ainda, o resultado do domínio de um número restrito de dirigentes da Frente de Libertação de Moçambique e depois da Frelimo (até finais dos anos 80)."



COTUR



5 razões para visitar Vilankulo

Uma autêntica jóia natural para aventureiros que procuram experiências verdadeiramente memoráveis (e a preços incríveis também)

Vilankulo é uma cidade costeira incrivelmente encantadora que, juntamente com as cinco ilhas que compõem o Parque Nacional do Arquipélago do Bazaruto, são um dos segredos mais bem guardados do planeta. O World Wildlife Fund chama-lhe “Presente para a Terra”, reconhecendo o facto de ser verdadeiramente um tesouro natural precioso, uma joia autêntica e natural para aventureiros que procuram experiências verdadeiramente memoráveis e, ainda assim, com preços razoáveis.

- 1 - Uma cidade costeira linda, na região Sudeste de Moçambique.
- 2 - Porta de entrada para o belo Arquipélago de Bazaruto.
- 3 - Praias paradisíacas, mercados, restaurantes e muita diversão.
- 4 - Alojamento com excelente relação qualidade/preço que é tão fantástico como o Bazaruto.
- 5 - Não restam muitos lugares na Terra com tanto para explorar.

cotur@cotur.co.mz

21245900

Sobre a Chama da Unidade Nacional ou a urgência de uma catarse nacional

Por: Tomás Vieira Mário

O Presidente da República, Daniel Chapo, lançou, esta Segunda-Feira, dia 7 de Abril, a Chama da Unidade Nacional, que é uma tocha ou archote, uma fonte luminosa, originalmente usada para iluminar zonas escuras ou mostrar caminho em zonas sem iluminação. Portanto a Chama da Unidade Nacional transporta consigo simbolicamente a luz mostrando o caminho da Unidade Nacional.

A ideia da Chama da Unidade Nacional é colhida pela FRELIMO (Frente de Libertação Nacional) na República Unida da Tanzânia, aonde a Frente esteve sediada, durante a luta armada contra o colonialismo português.

Na Tanzânia este evento simbólico leva a designação de Tocha da Liberdade e Unidade Nacional, um legado do fundador do Estado Tanzaniano, o Presidente Julius Nyerere, e institucionalizado para simbolizar a liberdade e a unidade do povo tanzaniano, alargadas com a fusão entre o Tanganyika e a Ilha do Zanzibar, que constituíram a República Unida da Tanzânia, a partir de Abril de 1964.

Assim, ao lado da bandeira nacional, do hino e da figura do Presidente da República, a Tocha da Liberdade e Unidade Nacional é considerado um dos símbolos do Estado tanzaniano.

É assim que, inspirada pela visão e estratégia de construção de Nação, do Mwalimu Nyerere, ele que tinha transformado o seu país em sede dos movimentos de libertação nacional de toda a África Austral, a Frente de Libertação de Moçambique vai adoptar a Chama da Unidade Nacional, lançando-a exactamente no dia 07 de Junho de 1975.

A Chama ia então percorrer o país e chegar no dia

25 de Junho na capital do País e, mais exactamente, no mítico Estádio da Machava, local onde, à meia noite, o Presidente Samora Machel iria proclamar a independência nacional.

Antecedendo a Tocha, o Presidente Samora Machel tinha feito a histórica “viagem triunfal”, do Rovuma ao Maputo.

Nesse período empolgante e de muita euforia pela independência conquistada, o percurso da “Chama” e a viagem do Presidente da FRELIMO vinham carregados de profundo simbolismo, transmitindo e mobilizando a todos moçambicanos no sentido da sua mensagem principal: a Unidade Nacional!

Essa expressão, “Unidade Nacional”, tinha, então, um sentido verdadeiro; ele era quase um objecto material, quase tangível.

Os moçambicanos, todos, sabiam qual era o conteúdo dessa expressão; sabiam que factores o sustentavam: a Unidade Nacional tinha permitido à Frente lutar eficazmente contra o colonialismo português e o seu novo foco era o acolhimento da independência nacional, pejada de uma arrebatadora promessa: a promessa de autodeterminação, condição primária para a reconquista da dignidade; a promessa de desenvolver juntos a nova Nação, num sistema de justiça e igualdade.

Desde o golpe militar que derrubou o regime fascista-colonialista em Portugal em Abril de 1974, que todo o país recebia dos combatentes essa mensagem quase messiânica.

As nacionalizações de sectores críticos como a saúde e a educação, um mês depois da proclamação da independência nacional, a 24 de Julho de 1975, seriam os primeiros sinais de cumprimento da

promessa.

Mas cedo chegaria a guerra. E como toda a guerra, a nossa veio com tudo: com massacres e destruição das parcas infraestruturas económicas que tinham restado da sabotagem colonialista. Mas foi sobretudo a destruição daquelas promessas de Junho que se consumou.

As liberdades civis minguaram. A humilhação incluiu indignidades legais como a aprovação e aplicação de leis de chicotadas; as operações “tira camisa”, levando desorganizadamente jovens para a guerra; as deportações forçadas para terras inóspitas falando outras línguas.

O que passou, então, a unir-nos? A inevitável, mas “mera” partilha de um mesmo espaço territorial. E muito sangue.

Em 1986, para culminar, caiu a noite em Mbuzini: a morte do Presidente Samora Machel veio simbolizar, enfim, a tragédia que Moçambique se tinha tornado. Chama da Unidade Nacional? Não haveria nem picada por onde leva-la!

Veio Roma; veio algum fim daquela guerra. Porque, tal como nos disseram mais de 20 anos depois, aqueles Acordos de Paz de Roma afinal eram ainda provisórios: ainda viriam os Acordos de Paz Definitiva!

Mas ainda assim...foi chovendo, aqui e acolá. E alguma nova esperança germinando, no intervalo entre tiros quinquenais. Veio alguma colheita: vimo-la passando, pela nossa frente, como dividendos daquela paz...provisória. Mas só a vimos passar!

E aos poucos e poucos, foi-se abrindo entre nós um fosso, uma cratera lunar; separando os que olham para si próprios e vêm pessoas mais espertos do que o povo.

E o glorioso Partido que

outrora nos mobilizou e embalou em sonhos...ele se transfigurou: doravante, quem dele não seja membro... o problema é dele! “Nossos problemas”? Não mais! Os problemas...são de cada um! Até porque a pobreza era, afinal, um problema mental! E cada qual resolve os seus problemas com os meios ao seu dispor: Está no Estado? Está no Governo? Está na Assembleia da República? Resolve aí mesmo os seus “problemas”! Determina, você mesmo, o seu salário e correspondentes regalias! Doa a quem doer!

A Unidade Nacional há já muito que se reduzira a mero cliché político, usado oportunisticamente para transmitir determinadas mensagens. Mesmo porque já se fala de moçambicanos... de gema! De que seriam os outros feitos?

E ainda há períodos em que somos convocados às urnas: na véspera seremos povo consciente; pacífico e disciplinado, mas podemos, no dia seguinte, acordar transfigurados, assumindo as características de povos primitivos, movidos por instintos de violência gratuita. Exactamente como aqueles bestas que invadiram e destruíram selvaticamente a Roma culta já lá vão muitos séculos: os vândalos!

Chama da Unidade Nacional? Em 2015, o antigo Chefe do Estado, Filipe Nyusi, efectuou o lançamento deste artefacto, em Nameitil, distrito de Mueda, com apelos a todos os moçambicanos para a união, convivência e tolerância.

Porém, não há qualquer evidência de que tal mensagem tenha encontrado qualquer eco, mesmo em sede de instituições do Estado: pelo contrário, a intolerância (perpetrada ou tolerada por agentes do Estado) ter-se-á agravado, incluindo com a emergên-

cia, pela primeira vez, de grupos paramilitares com missões de natureza inominável, a que vozes combatentes do calibre de Alice Mabote denominaram de “esquadrões da morte”.

Ora, qual pode ser hoje, o conteúdo da nossa Unidade Nacional? Que factores sustentam hoje a nossa Unidade Nacional? Que valores, nós moçambicanos, partilharmos verdadeiramente?

A nossa classe política tem alguma resposta a estas perguntas? O que faria o habitante de Metangula sentir-se unido ao habitante de Chicualacuala?

Porque, ao longo do seu percurso, a Chama da Unidade Nacional deve sustentar-se por mensagens carregadas de valores, princípios e crenças que o povo partilhe como sustentáculos da sua unidade, isto é, bases de sustentação da Nação.

Hoje por hoje, se a Chama da Unidade Nacional pode transportar consigo algum valor simbólico, passível de ser partilhado por todos os moçambicanos, tal valor só pode ser um e único: recordar-nos que estamos profundamente divididos e precisamos, com urgência, de construir novas pontes, feitas não só de discursos – por eloquentes que sejam – mas de actos redentores, de actos transformadores, que possam resgatar a confiança dos moçambicanos aos discursos políticos e a promessas de unidade, de diálogo.... Com base em valores como justiça, igualdade e dignidade.

Só com honestidade e franqueza poderemos encontrar as pedras que perdemos, para reerguer, com coragem, as pontes de Unidade Nacional que fomos derrubando, sobretudo ao longo dos últimos 30 anos da nossa História. Urge uma catarse nacional!

CAFÉ COM LIVROS

CONVITE

NUNCA MAIS É SÁBADO

NELSON SAÚTE
CONVERSA COM
FILIMONE MEIGOS



PROJECTO CULTURAL
MARIMBIQUE E BEAN

24.04.2025



Às 17 Horas
Av. Julius Nyerere, 822
Bean Coffee Shop



Marimbique



► continuação da página 3

vem, e políticas de estímulo às PME, conquistando a confiança de diferentes federações e associações empresariais. A FEMOCOS acredita que esta trajetória será essencial para aproximar a CTA dos empresários das províncias, das mulheres empreendedoras e das microempresas que movimentam a economia informal.

Com o apoio da da FEDEMOMA e da FEMOCOS, a candidatura de Lineu Candieiro ganha fôlego e torna-se um verdadeiro movimento de renovação dentro do sector privado moçambicano. Um movimento que aposta na união de forças, na escuta das bases e na criação de soluções que valorizem o esforço de quem empreende em contextos difíceis, mas acredita no potencial transformador do país.

O comércio e os serviços desempenham um papel central na geração de emprego e renda em Moçambique. Ter uma liderança que compreenda esses desafios e proponha respostas pragmáticas é fundamental. E é essa esperança que, agora, a FEMOCOS deposita na candidatura de Lineu Candieiro.

Sector de Segurança Privada alinha com Lineu Candieiro

A corrida à presidência da CTA continua a atrair apoios relevantes e estratégicos. Desta vez, a Associação das Empresas Moçambicanas de Segurança (AEMS) junta-se ao coro de vozes que vêem em Lineu Candieiro a figura ideal para liderar a próxima etapa da Confederação das Associações Económicas de Moçambique.

Representando um sector vital para a estabilidade dos negócios, o emprego urbano e a protecção do investimento privado, a AEMS destaca que é urgente ter uma liderança sensível às especificidades dos segmentos menos visíveis, mas cruciais para o funcionamento diário da economia.

“A segurança privada é um dos pilares invisíveis da atividade empresarial em Moçambique. Atuamos em condições muitas vezes adversas, com pouca protecção legal, e sem uma representação forte nas decisões políticas e económicas. Lineu



Candieiro tem demonstrado capacidade de escuta, abertura ao diálogo e sensibilidade para com os setores negligenciados”, afirmou um representante da AEMS.

Durante sua presidência na ANJE, Lineu construiu pontes entre diversos sectores, promovendo um ambiente de diálogo e co-operação entre empresas, associações e o Estado. Foi também defensor da criação

tuais e desafios regulatórios.

Com o apoio da AEMS, Lineu consolida ainda mais a sua candidatura como um movimento de inclusão real, que representa os interesses tanto dos grandes sectores produtivos como daqueles que operam nos bastidores do crescimento económico, como a segurança, a logística e os serviços auxiliares.

Este novo apoio junta-se aos já declarados pela FEMO-

novadora, moderna e comprometida com a construção de uma CTA mais próxima das reais necessidades dos empresários moçambicanos.

Lineu Candieiro é o favorito de Pakrash Prehlab nas eleições da CTA

O vice-presidente da Confederação das Associações Económicas (CTA) de Moçambique, Prakash Prehlab,

nomes que anteriormente estava na lista dos interessados ao cargo, avançou que prefere que sejam os mais jovens a conduzirem a confederação obviamente com forte e permanente apoio dos mais velhos da casa.

“Pessoalmente não vou concorrer mais a ideia é abrir espaço para novas alternativas que existem. Portanto a ideia é a aliança do que existe de im-



de plataformas de mediação e resolução de conflitos, uma proposta que entusiasma a AEMS, frequentemente envolvida em disputas contra-

COS, FEDEMOMA e FEMOTUR, evidenciando um alinhamento transversal entre sectores que veem em Lineu Candieiro uma liderança re-

afirmou, nesta quinta-feira, que não vai concorrer ao cargo do Presidente da organização, marcado para 8 de Maio. Prakash, um dos

portante com a juventude isto é o que vai acontecer. Juntar o que existe de antiguidade com a juventude é muito importante”.►

De acordo com o calendário eleitoral, cujo as actividades começam e breve, ainda não é o momento de submissão oficial da Associação Nacional de Jovens empresários (ANJE). Com Prakash a renunciar da intenção e a manifestar apoio a uma liderança jovem



das candidaturas junto da confederação. Mas há pelo menos cinco empresários e presidentes de algumas associações filiadas a CTA com interesse para o cargo: Feliz Machado – Presidente da Associação Comercial da Beira; Álvaro Massingue -Presidente da câmara de Comercio de Moçambique; ; Prakash Prehlad- Presidente da FEMOCOS,Vice-PR da CTA e Presidente da MAG da ACB, membro da OCAM; e Lineu Candieiro- Presidente

fica claro que este tem como favorito Lineu candieiro- o mais jovem da corrida. Lineu Candieiro é um jovem empresário que ousou a fazer a diferença, tendo se notabilizado por fundar a sua empresa com pouco investimento financeiro. Esteve no top das 100 Melhores PME, o que projectou a sua empresa a outros patamares. Resta o 8 de Maio, para a decisão de quem vai liderar o destino da CTA nos próximos tempos.



Estatuto Editorial

LUPA News é um órgão de informação independente do poder político, grupos económicos, sociais, religiosos entre outros.

LUPA News é especializado em Cultura, mas também generalista e pluralista, que respeita a ética e deontologia jornalística, os direitos e deveres da liberdade de expressão e de informação de acordo com a Lei de Imprensa e a Constituição da República, bem como as orientações definidas pela Direcção do jornal.

LUPA News é apresentado em plataformas digitais e, dependendo das necessidades, pode também ser apresentado em suporte de papel.

LUPA News serve a grandes objectivos universais a alcançar, nomeadamente Liberdade de Expressão, Democracia e Pluralismo Mediático, Cidadania, e Desenvolvimento Social e Humano.

LUPA News trata a informação com critérios de responsabilidade, isenção, criatividade sem sensacionalismo, rigor, equilíbrio, profundidade tendo sempre em conta o respeito pela pessoa humana e interesse territorial.



FICHA TÉCNICA

LUPA NEWSI Direcção Geral: Lupa AC -jornal@lupa-news.com I Telemóvel: (+258) 846496744 I Editor: Bernardo SoaresI Projecto gráfico e paginação: LUPA AC - jornal@lupa-news.com I Fotografias para esta edição: Google I Contactos: +258 828233780 ou +258 846496744

Banco Mundial Reforça apoio ao sector de energia com 131 Milhões de USD

Recentemente o Ministro dos Recursos Minerais e Energia, Estêvão Pale recebeu uma missão do Banco Mundial para um encontro com o objectivo de rever e aprofundar a cooperação no sector de energia e alinhar estratégias de financiamento para projectos prioritários e estruturantes, do Governo moçambicano, nas áreas de geração, transporte e distribuição de energia eléctrica.

A missão, liderada por Erik Fernstrom, Director do Departamento de energia para a África

Oriental, reafirmou o compromisso da instituição em continuar a financiar e reforçar o portfólio de projectos de geração e transporte de energia em Moçambique, com destaque para os projectos ProEnergia e da Hidroeléctrico de Mphanda Nkuwa e a Infraestrutura da Linha de Alta tensão associada, com vista a acelerar o cumprimento da meta de electrificação universal até 2030 e potenciar a Industrialização.

Através do projecto ASCENT (Access to Sustainable Energy and Clean Technology), uma das iniciativas prioritárias, está prevista a extensão do ProEnergia - Fase 3, com a disponibilização



de cerca de USD 131 (cento e trinta e um) milhões de dólares norte-americanos, para acelerar o acesso sustentável à energia nas zonas rurais e periurbanas, por meio de soluções tecnológicas limpas, energias renováveis e na criação de infraestruturas resilientes.

Este financiamento vai permitir a realização de cerca de 150.000 (cento e cinquenta mil) novas ligações eléctricas bem como a construção de linhas de transmissão.

Moçambique prepara-se ainda para aderir à Iniciativa Energy Compact, uma plataforma in-

ternacional que visa acelerar os investimentos em eletrificação nos países em desenvolvimento. Com esta iniciativa, o país poderá elevar o número anual de novas ligações eléctricas das actuais cerca de 400 mil para aproximadamente 600 mil bem como o aumento do acesso a cozinha limpa através do uso de fogões mais eficientes e de GPL.

O Ministro Estêvão Pale sublinhou a importância da colaboração com o Banco Mundial, destacando que “estes compromissos reforçados, através destes projectos, são fundamentais para alavancar o sector energético,

garantir acesso a uma energia segura, limpa e, sobretudo, acessível para os moçambicanos pois é isso que impulsionará o desenvolvimento do país.”

O Banco Mundial, nesta missão apreciou positivamente os trabalhos em curso no Projecto Hidroeléctrico de Mphanda Nkuwa e reiteirou o compromisso de apoiar na estruturação das garantias para a compra de energia pela EDM bem como no financiamento do transporte de energia de em alta tensão, considerada essencial para a viabilidade e impacto regional do projecto.

Esta linha de transporte será

vital para transportar a energia gerada até os principais centros de consumo nacionais e para exportação, inserindo-se na visão de longo prazo dos Corredores Verdes (Green Energy Corridors Project - GECP) – Fase 2, uma iniciativa regional de infraestrutura verde e integração energética.

O Ministro Estêvão Pale agradeceu o apoio contínuo do Banco Mundial, frisando que “estes projectos estruturantes reforçam a posição de Moçambique como um polo energético regional e são fundamentais para garantir um crescimento económico inclusivo e sustentável.”

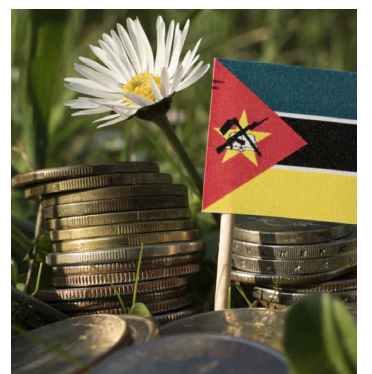
Governo cria Fundo de Recuperação Económica para apoiar pequenas e médias empresas (PME)

O Governo aprovou o decreto que institui o Fundo de Recuperação Económica, Fundo Público (FRE, FP), com o objectivo de dinamizar os sectores produtivos através do financiamento de Micro, pequenas e médias empresas (PME). A medida visa impulsionar a recuperação da economia nacional, promovendo a geração de empregos e o aumento de rendimento, por meio da concessão de créditos bonificados.

Com uma dotação inicial de



319 milhões e 500 mil meticais, já garantida com o apoio de parceiros como o Banco Mundial, o FRE, FP será um instrumento



estratégico para apoiar negócios com elevado potencial de crescimento.

Províncias

Em Sofala

Governo Moçambicano **apreende 750 toneladas de fluorite estimado** em cinco milhões de meticais

O Governo moçambicano, através do Ministério dos Recursos Minerais e Energia (MIREME), apreendeu 750 toneladas de fluorite extraída de forma ilegal. A operação realizada Inspecção-Geral dos Recursos Minerais e Energia (IGREME) na província de Sofala, após uma denúncia feita por cidadãos locais. Caso o produto tivesse sido exportado, estima-se que o Estado teria sido lesado em aproximadamente cinco milhões de meticais.



As investigações preliminares indicam que o mineral terá sido ilegalmente explorado nas províncias de Sofala, Manica e Tete, e encontrava-se em fase de preparação para exportação.

O Inspector-Geral do MIREME, Grácio Cune, avançou que decorrem avaliações técnicas e laboratoriais para determinar a qualidade e composição química da fluorite apreendida, o que

poderá elevar o seu valor comercial. O produto será posteriormente colocado em hasta pública, conforme os procedimentos legais em vigor.

A operação faz parte de um conjunto de acções coordenadas pelo MIREME para desencorajar práticas de mineração ilegal em todo o território nacional. O Ministério tem vindo a reforçar

as acções de fiscalização, em colaboração com as autoridades locais, forças de segurança e comunidades, tendo como objectivo salvaguardar os recursos do país e proteger as receitas do Estado.

O Inspector-Geral reconheceu, contudo, que a fiscalização continua a enfrentar desafios estruturais, entre eles a vandalização de

postos de controlo durante manifestações violentas, o que tem dificultado o controlo da circulação de minerais em algumas regiões.

A fluorite é um mineral de elevado valor económico, com diversas aplicações industriais e terapêuticas. Na indústria, é utilizada na produção de aço, alumínio, ligas metálicas, zinco e magnésio. Em contextos terapêuticos e

tradicionais, é considerada uma pedra com propriedades que promovem a cura e o equilíbrio emocional.

O MIREME reitera o seu compromisso de reforçar a fiscalização, melhorar os mecanismos de rastreio e estimular a formalização da mineração artesanal, promovendo um sector mineiro mais justo, transparente e sustentável. (X)

Secretária de Estado na Província de Sofala **preocupada com a circulação de homens armados** na província

O Chefe da Bancada Parlamentar do PODEMOS, Sebastião Mussanhane, nesta quarta-feira, durante a abertura da I Sessão Ordinária da X legislatura da Assembleia da República, avançou que Para Moçambique alcançar para uma democracia plena e robusta, "é imperativo que promovamos reformas estruturais nas áreas da governação, da administração pública e do sistema judiciário."

Na quarta-feira Cecília a Secretária de Estado na Província de Sofala, Cecília Chamutota recebeu em audiência o Minis-



tro do Interior, Paulo Chachine, e expressou preocupação face a actuação de homens armados em Sofala. A dirigente partilhou com o Ministro o que está

a ser feito a nível local para a garantia da ordem e segurança públicas e pediu apoio das estruturas centrais para o saneamento da preocupação.

O Ministro do Interior assegurou que as Forças de Defesa e Segurança estão a trabalhar no sentido de repor a ordem e segurança públicas contando

com a colaboração de todos os segmentos da sociedade.

Paulo Chachine, esteve na província de Sofala para dirigir a abertura do ano académico 2025 e VIII Curso de formação de Sargentos da Polícia da República de Moçambique.

A nível do sector que dirige, Chachine reuniu com o colectivo de direcção do Comando Provincial da PRM, alargado aos responsáveis das demais áreas do Ministério do Interior na província e Comandantes distritais e dirigiu uma parada com a força policial e demais funcionários com a finalidade de saudar e encorajar a continuarem o trabalho que realizam em prol da segurança interna na província. (X)

Projecto custará 40 milhões de dólares

Aterro sanitário da Katembe em auscultação pública

A operacionalização do aterro sanitário de KaTembe, projectado para o Bairro Incassane, localizado a aproximadamente 12 quilómetros da cidade de Maputo, está orçada em 40 milhões de dólares (equivalente a 2,6 mil milhões de meticais). Este investimento abrange, entre outras ações, a transferência das famílias actualmente residentes na área destinada à construção da infra-estrutura, bem como a pavimentação das vias de acesso.



Este projeto é parte integrante do Plano de Transformação Urbana de Maputo (PTUM), financiado pelo Banco Mundial por meio da Agência Internacional para o Desenvolvimento (IDA). A iniciativa visa não apenas a gestão adequada do lixo, mas também o encerramento da lixeira de Hulene, que opera em condições inadequadas. Conforme destacou Halifo Abacassamo, assessor para a área de Resíduos Sólidos do PTUM, a nova infra-estrutura ocupará 60 hectares e contará com uma área de protecção de 200 metros, além de uma zona-tampão de 300 metros. O ater-

ro será estruturado em células de deposição, com lagos destinados ao tratamento de lixiviados e edifícios administrativos. Também serão construídas oficinas e estradas internas para garantir a operatividade do espaço. Para dar início às obras, é imprescindível a emissão da licença ambiental, a qual dependerá da incorporação das recomendações surgidas durante a consulta pública e do estudo de impacto ambiental. Neste contexto, a consulta pública está aberta até 11 de Abril, permitindo que os cidadãos apresentem sugestões

e preocupações relacionadas ao projecto. Abacassamo destacou que o projecto inclui ainda a asfaltagem de uma estrada de acesso que ligará o aterro à rotunda próxima à Portagem da KaTembe, atravessando o Bairro Chamissava até Incassane. “Essa estrada se conectará à Avenida do Metical, no limite entre KaTembe e Bela Vista, garantindo um acesso eficiente ao aterro”, detalhou. O projeto prevê o reassentamento de cerca de 300 famílias que actualmente ocupam

a área destinada ao aterro. Os responsáveis informaram que a maioria dos afectados possui machambas, e 21 habitações receberão compensações. Após a fase de consulta pública, os comentários recebidos serão revistos e incorporados ao estudo, que será submetido à aprovação do Ministério da Agricultura, Pescas e Ambiente antes da emissão da licença ambiental. A expectativa é que a construção do aterro leve entre 18 a 24 meses. Anselmo Uamusse, um residente local, expressou preocu-

pações sobre o futuro da área após os 28 a 32 anos de uso do aterro sanitário de KaTembe, questionando sobre as medidas que serão adoptadas para mitigar os impactos ambientais e sociais após a desactivação do local. A participação da comunidade é fundamental para garantir que o projecto atenda às necessidades locais e minimize os possíveis impactos, sendo a consulta pública uma oportunidade valiosa para o diálogo entre os cidadãos e os responsáveis pelo projecto.

Troca de experiências entre oftalmologistas impulsiona campanha de cirurgias de catarata

Cerca de três mil pacientes com catarata terão a oportunidade de se submeter a cirurgias na cidade de Maputo, graças a uma campanha massiva a decorrer até o final de Junho. A iniciativa contará com a participação de oftalmologistas nacionais e estrangeiros, promovendo a troca de experiências e técnicas cirúrgicas, além de criar uma valiosa janela de aprendizagem prática para médicos residentes.



Ligia Munguambe, responsável pelo Programa Nacional de Oftalmologia (PNO) no Ministério da Saúde (MISAU), incentivou os pacientes a se diri-

rem às unidades de saúde mais próximas para rastreio, a fim de serem incluídos na lista de bene-

ficiários e se prepararem para as operações assim que a campanha iniciar.

“Não aconselhamos o recurso à automedicação enquanto aguardam sua vez, pois isso

pode levar a complicações e problemas de visão irreversíveis”, alertou Munguambe. A responsável pela PNO também informou que novos equipamentos, medicamentos e material médico-cirúrgico foram adquiridos para apoiar a realização das cirurgias, restando apenas a confirmação da presença dos especialistas estrangeiros. “Estamos prontos para alcançar nossa meta, mas isso depende também do apoio dos parceiros e do comprometimento dos oftalmologistas na realização dos procedimentos durante este semestre”, enfatizou. Munguambe destacou ainda o investimento em formação de novos médicos oftalmologistas, visando atender a crescente demanda por serviços oftalmológicos na capital.

Morre Vargas Llosa, prêmio Nobel e último gigante da geração dourada da literatura latino-americana



Mario Vargas Llosa, escritor peruano vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2010, morreu nesse domingo em Lima, aos 89 anos, segundo informaram seus filhos em um comunicado. Vargas Llosa foi autor de obras marcantes da literatura latino-americana, como "A Festa do Bode", "Conversa no Catedral" e "A Guerra do Fim do Mundo".

"Sua partida entristecerá seus parentes, amigos e leitores, mas esperamos que encontrem consolo, como nós, no fato de que ele teve uma vida longa, múltipla e frutífera, e deixa para trás uma obra que o sobreviverá", disseram no comunicado os filhos do escritor, Álvaro, Gonzalo e Morgana, noticiado na BBC.

"Agiremos nas próximas horas e dias de acordo com suas instruções. Não haverá nenhu-

ma cerimônia pública. Nossa mãe, nossos filhos e nós mesmos esperamos ter o espaço e a privacidade para nos despedirmos em família e na companhia de amigos próximos. Seus restos mortais, como era sua vontade, serão cremados", acrescentaram.

Obra prolífica

Vargas Llosa soube desde muito jovem que queria ser escritor. E a isso dedicou sua vida com a disciplina de um operário, até alcançar o reconhecimento universal como autor — e também uma divisão de opiniões em torno de sua figura pública que não se via no Ocidente desde a época do filósofo Jean-Paul Sartre.

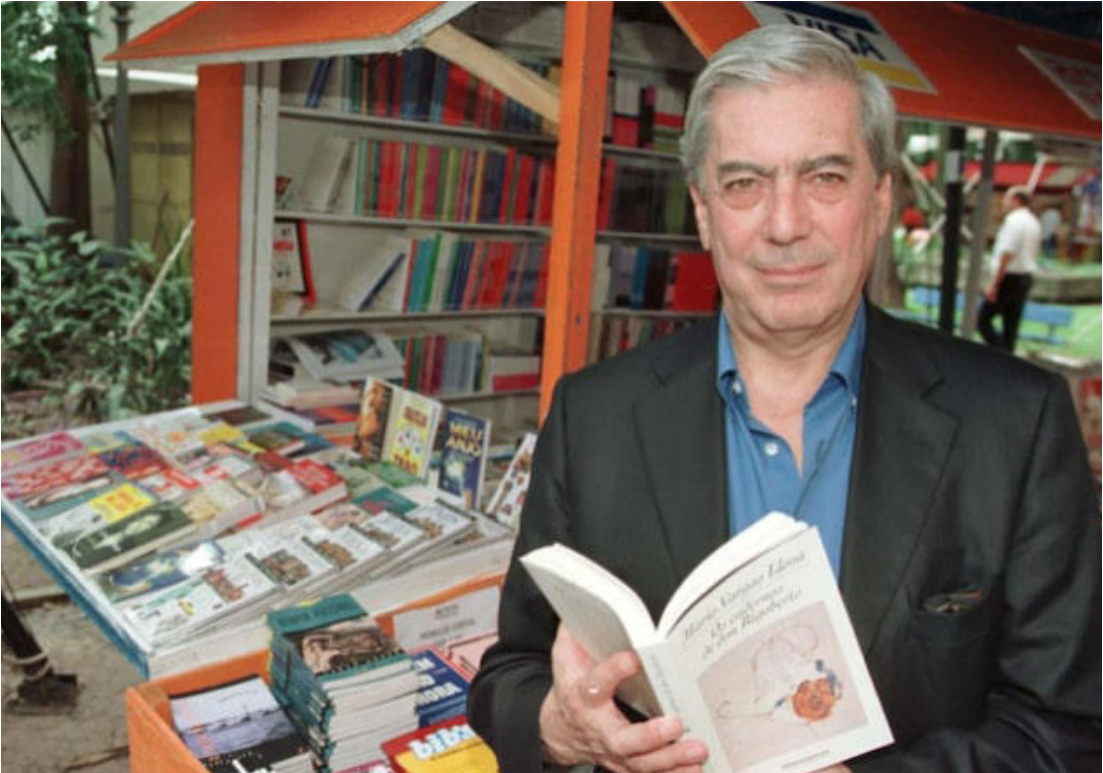
Talvez não seja totalmente coincidência: Sartre foi um de seus primeiros modelos (os colegas de juventude o chamavam de "o pequeno Sartre corajoso") e, embora depois tenha criticado as ideias políticas do francês, até o fim foi um escritor engajado,

comprometido com sua realidade, como pregava o famoso existencialista - Vargas Llosa chegou a ser candidato à presidência do Peru em 1990, mas perdeu para Alberto Fujimori.

Essa disciplina e compromisso o levaram a produzir uma obra de surpreendente abundância: 20 romances, um livro de contos, 10 peças de teatro, 14 livros de ensaio, dois de crônicas

e um de memórias, além de múltiplas coletâneas de suas colunas e textos avulsos.

Jorge Mario Pedro Vargas Llosa nasceu em 28 de março de 1936, em Arequipa, no sul do Peru.

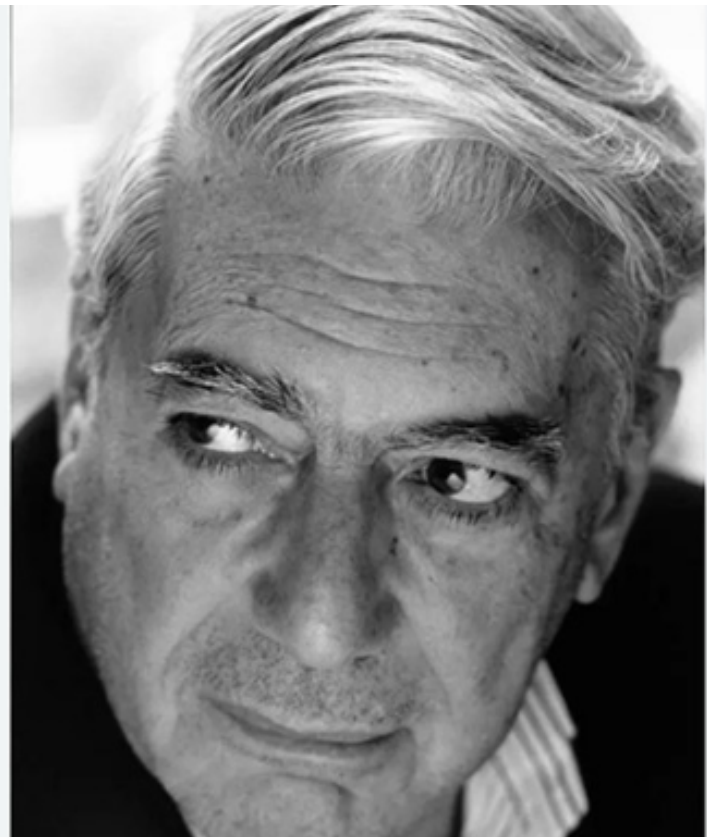


Despedida melancólica de Mario Vargas Llosa

Em “História secreta de um romance”, o genial escritor peruano, Mario Vargas Llosa, que abandonou o mundo dos vivos no domingo, ao relatar como redigiu um dos seus mais belos e pungentes romances, intitulado “A Casa Verde”, diz o seguinte e eu cito: “Escrever um romance é uma cerimônia parecida com o “strip-tease”. Como a rapariga que, sob impudicos reflectores, despe as suas roupas e mostra, um por um, os seus encantos secretos, também o romancista desnuda em público a sua intimidade através dos seus romances. Há, evidentemente, diferenças. Aquilo que o romancista exhibe de si mesmo não são os seus encantos secretos, como a rapariga desenvolta, mas demônios que o atormentam e obcecaram, a parte mais feia de si mesmo: as suas nostalgias, as suas culpas e os seus rancores. Outra diferença é que, num “strip-tease”, a rapariga começa vestida e acaba despida. No caso do romance, a trajetória é inversa: o romancista começa por estar despido e acaba vestido. As experiências pessoais (vivas, sonhadas, ouvidas, lidas) que constituíram o principal estímulo para escrever a história mantêm-se tão maliciosamente disfarçadas durante o processo de criação que, uma vez terminado o romance, ninguém, muitas vezes nem o próprio romancista, consegue escutar facilmente esse coração autobiográfico que palpita fatalmente em toda a ficção. Escrever um romance é um “strip-tease” invertido e todos os romancistas são exibicionistas discretos.”

Texto: Nelson Saúte

Mario Vargas Llosa, para além de ser um extraordinário fabulador, era também um brilhante ensaísta. Ao contar a história como escreveu, entre 1962 e 1965, “A Casa Verde”, uma história secreta, na qual ele desvenda o processo que o levou à criação desse belo livro, complexo e imaginativo, que



se situa em dois lugares e planos diferentes – Piura, no extremo norte da costa e Andes – dois lugares e dois mundos históricos, sociais e geográficos, opostos e antagónicos de certo modo, há o gênio, o talento, e, sobretudo, a grande arte narrativa de Vargas Llosa.

Lembrei-me, esta noite, deste livrinho quase melancólico - “História secreta de um romance” -, que recolhe uma conferência, proferida na Washington State University (Pullman, Washington, em 11 de dezembro de 1968) e escrita, como o escritor acautela, originalmente, num inglês rudimentar, mas que este haveria de reescrever em 1971. É fascinante ler este pequeno livro e habitar o universo, os demônios, as incertezas, as dúvidas, as nostalgias e as culpas do romancista. Nele, Vargas Llosa demonstra cabalmente a sua tese e o faz esplendidamente.

Mario Vargas Llosa é o último grande vulto do chamado “boom” latino-americano. Escreveu livros notáveis e recebeu inúmeros prémios, entre os quais o Nobel, que chegou em 2010 quando, provavelmente, ele já não o esperava. Desde “A Cidade e os Cães” (1962) a “Cinco Esquinas” (2016) escreveu livros inolvidáveis. Para mim, para além de “A Casa Verde”, que motivou aquela história bela e secreta, destacaria “A Conversa na Catedral” (1969), “A Tia Júlia e o Escrevedor” (1977), “A Festa do Chibo” (2000). Bastaria ele ter escrito “A Conversa na Catedral” e “A Festa do Chibo” para entrar no meu panteão. Mas devo-lhe, devemos-lhe muito mais.

Quando lhe deram o Nobel, “por sua cartografia das estruturas de poder e pelas suas imagens pungentes sobre a resistência, revolta e derrota dos indivíduos” (Academia Sueca dixit), lembrei-me, inevitavelmente, de um outro romancista, latino-americano, que o tivera em 1982, de quem fora grande amigo, sobre quem escrevera inclusive um livro culto e notável – “História de um Deícidio” – e com quem romperia em 1976: Gabriel García Márquez.

Em Julho de 2017, numa conversa sobre o colombiano que falecera três anos antes, Vargas falou de García Márquez e da amizade literária mais mítica da América Latina. Durante anos declinara comentar sobre o fim dessa amizade. Quem conhece Vargas Llosa e os seus escritos não encontrou, provavelmente, novidade nesse momento nostálgico. Lá estão os anos 50/60 de Paris, onde se descobrira como latino-americanos (a sua obra “História Afectiva da América Latina” é uma extraordinária evocação desse tempo e das suas personagens), lá estão as leituras, a influência de Sartre, o amor comum por Faulkner, a influência de Virginia Woolf sobre o colombiano, o tempo de Barcelona (onde foram todos parar por influência de Carmen Balcells, a agente literária que os lançou), lá está a conversa sobre Cuba e as contradições que a revolução, Fidel e o caso Padilla incendiaram, o terramoto (termo meu) que o livro “Cem Anos de Solidão” provocou, entre outros.

Surpreendeu-me – e isso foi uma novidade para mim – a opinião dele sobre “O Outono do

Patriarca”. Quando li este livro fascinou-me essa cartografia de poder que García Márquez fez, também é um grande mestre. Mario Vargas Llosa afirma sobre aquela obra: “Não gostei. Talvez seja um pouco exagerado dizer assim, mas achei a caricatura de García Márquez, como se estivesse imitando a si mesmo. O personagem não me parece nada verosímil. Os personagens de “Cem Anos de Solidão”, ao mesmo tempo que são desenfreados e além do possível, são sempre verosímeis, o romance tem a capacidade de torná-los verosímeis dentro do seu exagero. Ao contrário, o personagem do ditador me pareceu muito caricatural, um personagem que era como uma caricatura de García Márquez. Além disso, acho que a prosa não funcionai, que nesse romance ele tentou um tipo de linguagem muito diferente da que tinha utilizado nos romances anteriores e não deu certo. Não era uma prosa que dava verosimilhança e persuasão à história que contava. De todos os romances que ele escreveu acho esse o mais fraco.”

Plínio Apuleyo de Mendonza sobre o “O Outono do Patriarca” perguntara a Gabriel García Márquez: “Disseste sobre “O Outono do Patriarca” coisas bastante paradoxais. Primeiro que é o mais popular de todos os teus livros do ponto de vista da linguagem, quando na realidade pareceria o mais barroco, o mais difícil...”

Gabriel García Márquez responderia: “Não, está escrito utilizando uma grande quantidade de expressões e refrãos populares de toda a zona do Caribe. Os tradutores às vezes ficam loucos tentando encontrar o sentido de frases que os motoristas de táxi de Barranquilla entenderiam de imediato, e com uma risada. É um livro raivosamente caribenho, costeño, um luxo que se permite o autor de “Cem Anos de Solidão” quando decide por fim escrever o que quer.”

A conversa, em “O Aroma da Goiaba” prossegue. Não importa transcrevê-la por inteiro. A opinião do Vargas Llosa, no entanto, desassosseguou-me. Tenho que reler “O Outono do Patriarca”. Li-o demasiado jovem. Há meses reli “Ninguém Escreve ao Coronel” e exultei. Tinha-o o lido antes dos 20 anos. Para além desse livro sou um devoto de “O Amor nos Tempos de Cólera”, dos contos de “Os Funerais da Mamã Grande”, dos “Cem Anos de Solidão”, ou da “Crónica de uma Morte Anunciada”. Li com emoção a autobiografia “Viver para Contá-la”.

A amizade entre Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, que nascera de uma admiração mútua, cartografada antes por correspondência, antes de ambos se encontrarem, em 1967, no aeroporto de Caracas, foi interrompida em 1976. Um manto cobre as razões. Vargas escusa-se a falar disso. Nenhum deles esclareceu. Diz-se que quando Vargas ganhou o Nobel, Márquez terá admitido: “Cuentas iguales”. Como quem diz: estamos empatados. Verdade ou mito?

Alguém disse algures: durante anos se dizia que Mario era muito bom, mas o verdadeiro gênio era Gabo (García Márquez). O seu Nobel, em 1982, assinalou essa ligeira superioridade. Entretanto, em 2010, ficaram empatados. Nunca mais se viram desde o rompimento. Como recebeu a notícia da morte de García Márquez? – quis saber Carlos Granés numa conversa recentíssima.

Mario Vargas Llosa respondeu: “Com pena certamente. É uma época que acaba, como com a morte de Cortázar ou de Carlos Fuentes. Eram escritores magníficos, mas também foram grandes amigos, e o foram num momento no qual a América Latina chamou a atenção do mundo inteiro. Como escritores, vivemos um período em que a literatura latino-americana era uma credencial positiva. Descobrir que, de repente, sou o último sobrevivente dessa geração e o último que pode falar em primeira pessoa dessa experiência é algo triste.”

Seja como for, ao ler esta revelação melancólica, assinalo que tanto um como o outro são dois notabilíssimos escritores. Pessoalmente, sinto-me dividido entre ambos, entre a perícia técnica e a capacidade fabular do peruano e a exuberante e torrencial narrativa do colombiano. Um era mais cerebral e o outro mais poético. Mas ambos praticavam o mesmo exercício de “strip-tease” de que falava Vargas Llosa na sua história secreta de “A Casa Verde”, que era curiosamente, uma casa de alterne.

Termino, este breve elogio ao peruano agora desaparecido, citando parte desta entrevista onde Mario Vargas Llosa traça o perfil literário de Gabriel García Márquez, sobre o qual não tenho resistência nem dificuldade em aceitar. Vargas Llosa: “Era extraordinariamente divertido, um ótimo contador de casos, mas não era um intelectual, funcionava mais como um artista, como um poeta, não estava em condições de explicar intelectualmente o enorme talento que tinha para es- ► **Continua na pag 15**

Ivan Mazuze lança “PENUKA” no Festival Internacional de Jazz de Cape Town

O saxofonista moçambicano, radicado na Noruega, Ivan Mazuze, apresenta, nos dias 25 e 26 de Abril, no Festival Internacional de Jazz de Cape Town (Cape Town International Jazz Festival) 2025, na Cidade do Cabo, África do Sul, o seu mais recente álbum PENUKA, lançado em finais do ano passado.

Mazuze volta mais uma vez a pisar um dos mais refinados e privilegiados palcos do Jazz mundial e a actuar no maior festival musical de África. Com mais de 30 artistas de classe mundial, o Cape Town International Jazz Festival continua sendo o ponto de encontro de um público vasto de todo o mundo e é conhecido por sua programação repleta de estrelas de artistas locais e estrangeiros.

A 22ª edição do festival deste ano contará com três palcos

► crever. Funcionava à base de intuição, instinto, palpite. Essa disposição tão extraordinária que tinha para com os adjectivos, com os advérbios e sobretudo com a trama e a matéria narrativa não passava pelo conceitual. Naqueles anos em que fomos tão amigos eu tinha a sensação de que muitas vezes ele não era consciente das coisas mágicas, milagrosas que fazia ao compor as suas histórias.”

Não sei, quando de Lima se noticia o seu declínio, o que pensar: se numa rapariga desenvolta, perante os impudicos reflectores, enquanto se despe, peça a peça, revelando os seus segretos encantos, ou, pelo contrário, se cogito no destino do último resistente do “boom” latino-americano, se me indago se temos a noção da magia, do milagre e do espanto que a sua extensíssima obra provoca, se penso nos seus demónios, nas suas incertezas e contradições, nas dúvidas e nostalgias, se penso no homem que defendia intransigentemente a liberdade, ou, simplesmente, se fico detido naquela imagem poderosa, lembrando a sua actuação longa e extraordinária, genial e incontornável, do contador de histórias, esse mestre imortal, subscrita no “strip-tease” do romancista que acontece inversamente.

Cidade do Cabo, 15 de Abril de 2025



e mais de 21 apresentações ao vivo, prometendo uma experiência inesquecível tanto para fãs leais quanto para participantes de primeira viagem. O evento também celebra o jazz que se assinala a 30 de Abril de 2023.

Mazuze vai apresentar o seu mais recente trabalho discográfico, onde faz uma exploração

contemporânea do jazz misturando tradições africanas com influências árabes e indianas. O novo trabalho de Mazuze é um ambicioso projecto apoiado pela Global Oslo Music e é resultado de uma investigação profunda de diferentes influências culturais apresentadas através de uma lente de jazz contemporâneo. O

álbum PENUKA é testemunho das trocas culturais seculares facilitadas pelas rotas comerciais através do continente africano. O músico mostra como as tradições musicais africanas absorveram e reinterpretaram elementos do património musical de diferentes continentes ao longo do tempo e quer levar o público amante do jazz a um concerto verdadeiramente imersivo.

“O palco do Cape Town International Jazz Festival é onde desponteí e posicionei-me como um músico respeitado. Por isso, para mim, é um privilégio poder mostrar para o mundo mais um trabalho que reflecte a diversidade cultural de diferentes povos através da música. Darei o melhor para representar Moçambique com dignidade, mas também a Noruega, País onde estou radicado porque me acolheu”, acrescentou o artista: “Este álbum é uma celebração das conexões culturais duradouras entre África, o mundo árabe e a Índia.

Com PENUKA, disse ainda o artista, “pretendo oferecer uma nova perspectiva sobre como essas influências moldaram a música africana, misturando ritmos tradicionais com a improvisação

moderna do jazz”.

A secção rítmica de PENUKA conta com músicos experientes, que têm relações musicais duradouras com Mazuze, incluindo artistas com raízes em Cuba, Noruega e Mali, todos, actualmente baseados na Noruega. A colaboração com os artistas adiciona camadas de complexidade rítmica e um toque global às composições de Mazuze, enriquecendo a fusão dinâmica do estilo do álbum.

Além disso, Mazuze colabora com uma diversa gama de artistas convidados, cada um partilhando as suas próprias origens culturais no projecto.

Portanto, as colaborações incluem músicos da Índia, Paquistão, Marrocos, Senegal, Gâmbia e Zimbabwe, cujas contribuições enriquecem a paleta sonora e introduzem novas expressões musicais, como o Gnawa e idiomas como Shona, Urdu, Wolof, Rajasthani e Sargam indiano.

“PENUKA é um esforço colaborativo que une continentes e culturas”, enfatizou Mazuze. O saxofonista lançou oficialmente “PENUKA” no renomado Cosmopolite Scene em Oslo, Noruega, a 11 de Outubro de 2024.

Da festa das mulheres

Paulina Chiziane narra a célebre mas pouco divulgada estória da rainha Achivangela

No âmbito das comemorações do dia da Mulher Moçambicana, 07 de Abril, a Universidade Pedagógica de Maputo (UP-Maputo) realizou, no Campus de Lhanguene, uma palestra orientada pela escritora e Professora Honoris Causa Paulina Chiziane, subordinada ao tema: “Educação da Mulher em Moçambique: Ontem, Hoje e Amanhã”, onde Chiziane atacou como ponto de partida uma estória penetrante sobre a Rainha Achivangela, dos territórios de Niassa, região norte do País.

Chiziane, na sua simplicidade narrou a história pouco conhecida da Rainha Achivangela, atra-



vés de uma representação artística mista, contemplando dança,

música, poesia e teatro. Destacou na sua apresentação, o papel de-

sempenhado pela Rainha, nas batalhas, na resistência à escravatura e na preservação da vida humana no passado. Na plateia foi possível acompanhar o depoimento de uma funcionária da UP-Maputo que viveu em Niassa por vinte anos, que acrescentou que a rainha conseguiu conquistar o seu lugar, depois de uma longa e inspiradora luta como escrava e líder religiosa.

Para Chiziane, com os 50 anos de Independência o país precisa ganhar algum “juízo”, e tem de ser através das mulheres que são mães, académicas, professoras, entre outras profissões. Referiu ainda que a história de Moçambique não está completamente escrita, todavia, existem histórias extraordinárias no País, onde as mulheres encontram-se em todas as áreas.

“Gos- ► Continua na pag 16

LUPA NEWS

Beira acolhe seminário regional Sobre **Medidas Não Privativas de Liberdade Para Mulheres** em Conflito Com a Lei



Agentes do Serviço Nacional Penitenciário (SERNAP), da Zona Centro do País reuniram-se nessa quarta-feira, na cidade da Beira, para um debate sobre Medidas Não Privativas de Liberdade Para Mulheres em Conflito Com a Lei.

Durante o discurso da cerimónia de abertura a Secretária de Estado na Província de Sofala, Cecília Chamutota, disse que o evento pretende promover uma justiça mais humana, equitativa e sensível às especificidades das mulheres.

A desenvolvimento a dirigente frisou que as mulheres que entram em conflito com a

lei são vítimas de contextos difíceis como a pobreza, violência doméstica, abandono, entre outros. Assim, elas precisam mais

de apoio social.

A Secretária de Estado sugeriu, ainda, o investimento em programas de capacitação, as-

istência psicológica e apoio familiar, elementos essenciais para reinserção social da mulher.

O Workshop foi organizado

pelo SERNAP em parceria com a Escritório das Nações Unidas sobre o Combate a Droga e Crime (UNODC).

▶ taria que voltássemos ao cruzamento dos caminhos para saber aonde é que nos perdemos, pois o que pensamos que estamos a projectar hoje, já foi projectado há muito tempo, antigamente as mulheres eram rainhas, governadoras, militares, médicas, líderes religiosas, humanistas, produtoras agrícolas, é necessário averiguar aonde nos perdemos", enfatizou Chiziane.

A escritora concluiu dizendo que a mulher tem que fazer parte de todas as esferas do conhecimento, e para isso, regressar às origens, contudo, para haver de-



envolvimento tem que haver ciência e cultura, não se pode fazer um desenvolvimento isolado.

O evento que decorreu no Anfiteatro Paulus Gerdes teve uma plateia maioritariamente feminina. Esteve, igualmente, presente o Reitor da UP-Maputo, Jorge Fer-

rão, Vice-Reitor Académico, José Castiano, Directores de Faculdade e Unidades Orgânicas.

Jorge Ferrão enalteceu o papel fulcral da mulher na educação e desenvolvimento socioeconómico, reafirmando que Paulina Chiziane "nos recorda que vivemos

numa sociedade de muita raiva e sempre com muita agressividade e de forma muito crispada o tempo todo, portanto, a nossa reconciliação tem que passar por cima de todos os serrotes que existem para que haja reconciliação, que é o maior pedido de Chiziane o tempo inteiro.

A celebração do dia da Mulher Moçambicana na UP-Maputo foi um espaço para actividades ligadas à feira de saúde e gastronómica, momento recreativo que contou com actuações do grupo coral da UP-Maputo.

Taualia Neuara e Daniel Bila